

80 TAGE WIEN

Architektur + stadt

■ MÁRCIO CAMPOS

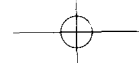
Em 1989 a queda do regime comunista nos países da Europa de leste tornou-se para a cidade de Viena, favorecida pela sua posição geográfica, a oportunidade de voltar a ocupar a condição, que até a primeira metade

deste século lhe coube, de metrópole da Europa Central. Seis anos depois, se por um lado a Áustria se firmou como o principal parceiro econômico das "novas economias capitalistas", circunstância extremamente valorizada desde janeiro de 1995 com a entrada do país na União Européia - pois países como a Hungria, a Eslovênia, a Eslováquia ou a República Tcheca têm a Áustria como o principal negociador para a admissão na União - a Cidade de Viena parece não ter conseguido atrair para si investimentos suficientes para se afirmar como centro da Europa Central, disputando cada vez mais com cidades como Praga, Budapeste, Varsóvia ou mesmo Moscou um mercado que, segundo o próprio festival, se torna desterritorializado em função da globalização via redes de informação. A falta de inovação e modernidade, por que não um paralisante conservadorismo cultural, em especial na administração urbana, é apresentada como a causa principal de a cidade não se ter tornado metrópole regional de imediato, e nesse sentido o festival de arquitetura 80 Dias Viena é apresentado pelo secretário municipal para planejamento urbano, desenvolvimento e relações exteriores, Hannes Swoboda, como o acontecimento que fará da cidade a "capital" da arquitetura na Europa Central.

Englobando um número enorme de diversos eventos o festival, realizado em 1995, tem como centro a exposição *Arquitetura + Cidade*, que se propõe ser um quadro da produção de arquitetura dos últimos 10 anos e dos projetos com realização prevista para os próximos



■ Arquiteto, mestrando na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Viena



cinco anos em Viena e que se encontra instalada no Architektur Zentrum Wien, entidade organizadora do festival que, com um trabalho de altíssima qualidade (principalmente debates, congressos e exposições - tendo apresentado em 1995, entre outras, a exposição de Lina Bo Bardi), passará a ser em breve o Museu de Arquitetura da cidade.

Especialmente para o festival foi construído ao lado das instalações do Architektur Zentrum um pavilhão para conferências e *workshops*, uma leve arquitetura de aço e vidro, facilmente (des)montável, aclamada pela crítica local como um exemplo do “novo minimalismo”.

Dividida em seis seções, a exposição se inicia com o tema *Bricolage*, tentando convencer que, prescindindo do pós-moderno por inadequação, Viena teria sua produção arquitetônica concentrada por um lado na “revitalização” de conjuntos barrocos e do século XIX e, por outro, na reutilização de edifícios industriais (galpões, garagens de bondes, etc.) para novos usos (habitação, escritórios).

Se por um lado a presença de dois projetos do Coop Himmelblau nesta seção (reforma do Teatro Ronacher - projeto que, apesar de ser vencedor de concurso, não foi executado, tendo sido realizada em seu lugar uma restauração por demais conservadora - e edifício de múltiplo uso para a praça em frente à estação de trem Westbahnhof - apresentado como “em discussão”) mostra justamente que nem sempre a idéia de *bricolage* esteve presente no momento das decisões até agora, o projeto de Zaha Hadid de edifícios de habitação e ateliês para artistas sob os arcos da linha de bonde projetados por Otto Wagner (com realização prevista para 1996) e a sua freqüente exposição na mídia local revelam a tentativa de se mostrar enfim “moderno”, utilizando-se para isso de uma linguagem arquitetônica que agora seja reconhecida como tal.

A propósito da questão linguagem e do repúdio ao pós-moderno, tivesse sido realizado o festival há poucos anos atrás, estaria também ausente, só para citar um exemplo, o grande conjunto habitacional no sul da cidade projetado por Rob Krier? Ou estariam as realizações pós-modernas naturalmente incluídas no conceito de *bricolage*?

O segundo tema, **Eixos**, é dedicado às linhas de metrô U1, U3 e U6, partes de uma rede cujo traçado não simplesmente segue e reforça o desenho urbano histórico, senão confere também novos significados e dimensão para os lugares onde há cruzamento de linhas. A atenção, no entanto, se volta para o fato de que especialmente acompanhando o traçado destas três linhas (realização de novos trechos) têm acontecido o desenvolvimento e a valorização de áreas na cidade, tendo como uma das principais conseqüências o aumento do valor dos aluguéis.

Se, à inauguração de novas estações do U3, se seguem construções de conjuntos habitacionais e centros empresariais



Pavilhão no Architektur Zentrum Wien

(havendo inclusive um grande esforço político para garantir o prolongamento sul previsto para o ano 2000 como principal fator de desenvolvimento futuro dos bairros que serão servidos, processo este que se repete com a linha U6, porém em menor intensidade), a linha U1 é a que maior atenção atrai para si. Sendo até agora a única linha que atravessa o Danúbio em direção à zona de expansão da cidade nas últimas décadas, ela faz a ligação do centro com a sede da ONU, área para onde se planeja a construção de um “novo centro” para Viena: aqui se concentram os maiores esforços para conferir à cidade uma nova imagem, dita moderna (se fala inclusive da necessidade de se adaptar a antiga estrutura monocêntrica à realidade das novas cidades com mais de um centro...).

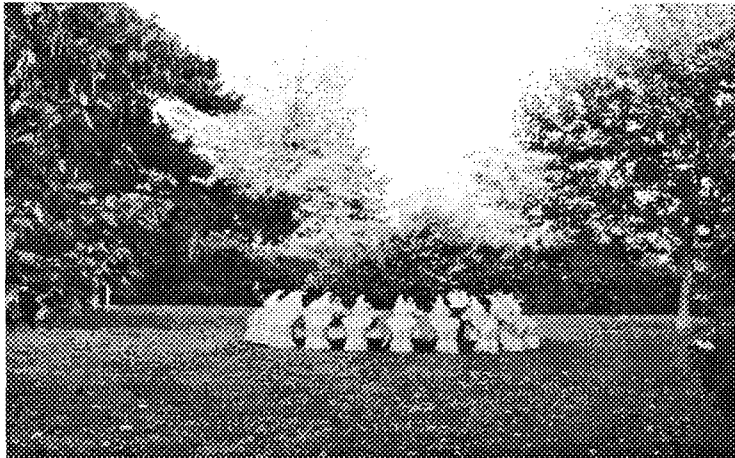
Na avenida que margeia o Danúbio neste trecho já está sendo construída uma plataforma sobre a qual serão erguidos os edifícios deste novo centro. Ainda sem garantia de financiamento para todos os projetos e sem previsão concreta de toda a rede de equipamentos necessários, já estão prontos projetos dos grandes escritórios do país (Hans Hollein, Gustav Peichl - este com dois projetos, um deles em parceria com I. M. Pei -, Coop Himmelblau e Wilhelm Holzbauer) para grandes arranha-céus, todos com a sugestiva denominação de *towers*. Além disso estão previstos outros enormes complexos de habitação, escritórios, *shoppings* e a sede vienense do Guggenheim Museum, projeto de Hans Hollein.

Com menos espaço e destaque os temas Grandes Espaços Sociais, Cidades-Tema e Comodidade Cotidiana representam a parte mais experimental da exposição. Os **Grandes Espaços Sociais** abrangem projetos para multiplicação de usos nos grandes corredores de tráfego da cidade (o Gürtel - grande avenida com problemas de degradação - e as margens dos rios Viena e Marchfeld e do canal do Danúbio). Para estas áreas estão previstas a ampliação de área de pedestres, de lazer e ciclovias e a instalação de infra-estrutura correspondente.

A busca de novos parâmetros de produção do espaço urbano, tomando o conceito de adição como norteador, define as **Cidades-Tema**. Aqui são exibidos projetos para conjuntos habitacionais entre 20 e 200 unidades, concebidos a partir de idéias “alternativas”: o feminismo dá o tom na “Cidade das mulheres” - todo um quarteirão projetado por um grupo de quatro arquitetas - trazendo a primeiro plano o atendimento das necessidades espaciais a partir de um ponto de vista feminino; a “Sun-City” se propõe uma otimização da energia solar combinada a outros parâmetros ecológicos (novos materiais de isolamento térmico, redução geral do consumo de energia, reciclagem do entulho da obra, etc.); a “Cidade sem automóveis” procura minimizar a porcentagem da área construída destinada ao automóvel, deixando um maior percentual às atividades comunitárias; já a “Habitação para outras culturas” apresenta um único inconsistente projeto em que, sem muito sucesso, se tenta estabelecer uma organização dos espaços internos da moradia diferente da usual dos projetos “normais” produzidos na cidade; além de nem sequer indicar que outra cultura está sendo atendida: destina-se aos turcos, aos ex-iugoslavos, aos poloneses ou a um outro dos muitos grupos de trabalhadores de diferentes culturas que moram na cidade? Ou será que todas as outras culturas têm o mesmo padrão de moradia, e o austríaco é diferente do resto do mundo? Ou será ainda que a cidade de Viena não acredita que em 1995 no mundo inteiro existem conjuntos habitacionais que, apresentando sem nenhuma dúvida diferenças locais de ordem cultural, constituem porém, mesmo com toda a crítica que lhes cabe, um legado cultural dos mais básicos dentre aqueles que podem ser listados como definidores de um aldeia global? De qualquer forma, o projeto fica como sinal da dificuldade com que a sociedade austríaca enfrenta o problema do estrangeiro, um dos temas centrais no debate político do país.

O tema **Comodidade Cotidiana**, por sua vez, procura sem muito sucesso abordar, por um lado, a mudança do perfil da

sociedade (alteração da estrutura familiar, mudança nas representações de classes e pluralização do quadro político, papel do Estado, etc.) e, por outro lado, a conseqüente alteração da expectativa em relação à prefeitura como fornecedora de serviços à população.



Instalação na praça Mexikoplatz

O sexto e último tema, **O ABC dos Conjuntos Habitacionais** tenta caracterizar a produção na área de habitação popular dos últimos 15 anos, revelando as suas diferenças do ponto de vista programático e expressivo, tanto em relação aos famosos conjuntos dos anos 20 como em relação àquele da reconstrução da cidade nos anos 50. Marcado por uma vital diversidade, conseguida através da estratégia de concursos públicos que permitiram nos últimos anos que escritórios pequenos e arquitetos iniciantes participassem deste período de grande atividade de construção, e limitado por rígidos valores de financiamento, o conjunto dos projetos é de uma qualidade indiscutível, assegurando para Viena hoje um lugar de destaque na matéria.

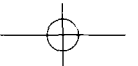
Grande atração desta parte da exposição, que inclui também uma mostra das escolas construídas no mesmo período e sobre as quais se pode falar com o mesmo entusiasmo (grande estrela: escola profissionalizante no 10º distrito, arquiteto Rüdiger Lainer), é o ambicioso projeto para um quarteirão no bairro Kagran Norte (proximidades do planejado novo centro), intervenção experimental que inclui habitação, *shopping*, um complexo de cinemas, etc., composta de projetos “vanguardistas” realizados por oito diferentes escritórios da Áustria e dos EUA (Coop Himmelblau, Carl Pruscha, Michael Sorkin, Mark Mack, Martha Schwartz, Eric Moos, Raimund Abraham, Tom Mayne), tendo acontecido como parte do festival um debate especial com a presença dos arquitetos.

■ ■ ■

Ao lado da exposição, o outro grande elemento estruturador do festival foi a série de discussões denominada Hot Spots que, a partir dos seis temas da exposição, promoveu semanalmente, durante todo o período do festival, debates, conferências, etc.

Entre os eventos já constantes na cena arquitetônica da cidade, os três de maior peso foram incorporados à estrutura do festival: O Sexto Seminário Vienense de

Arquitetura, com o tema **O Espaço Público**, evento que reúne anualmente estudantes de toda a Europa em um *workshop* sob o comando de um grupo de arquitetos convidados, este ano Mariano Bayon (Madri), Ben van Berkel (Amsterdã), Michelangelo Pistoletto (Turim), Fabio Reinhart (Lugano) e



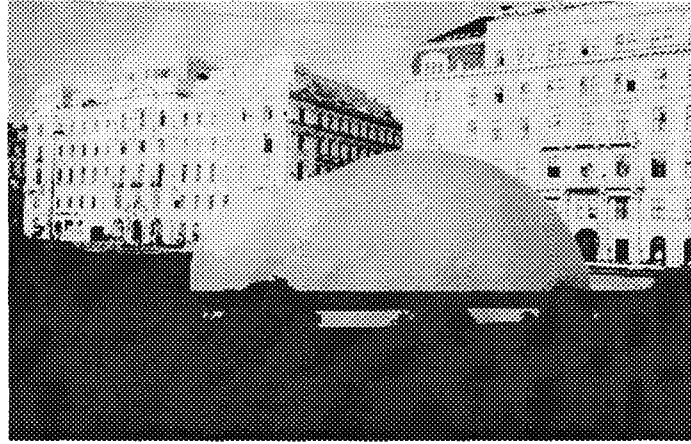
Dagmar Richter (Los Angeles), havendo ao final uma apresentação pública dos trabalhos.

O Terceiro Congresso de Arquitetura de Viena, com o tema **Espaços Comuns no Caos Europa**, destinado ao público em geral, apresentou na sua programação conferências com temas bastante diversificados, da abordagem geopolítica da produção arquitetônica (Peter Eisenmann, Michael Korrinman), passando pela tentativa de compreensão do processo de mudança do mundo construído contemporâneo (Ralph Abraham, Stefano Boeri), à discussão da urbanidade (Michael Mönniger, Richard Ingersoll, Otto E. Rössler, Dzevad Karahasan), política, arquitetura e espaços comuns (Richard Sennett, Michael Rutschky, Angelo Bolaffi, Luis Fernández-Galiano), indo até a gastronomia e arquitetura (Stanislaus von Moos).

O prêmio de Arquitetura Adolf Loos, conferido anualmente e tendo trazido nesta edição o tema **Espaços Públicos em Viena**, teve como ganhador a discutida passarela *high-tech* de acesso à estação final da linha de metrô U4, projeto do escritório Hencke & Schreieck, luxuoso utilitário com cobertura e parede em vidro sustentadas por uma interessante estrutura metálica à pirâmide do Louvre, um elevador em uma das extremidades e rampa na outra¹.

A lista dos eventos criados especialmente para o festival é, no entanto, vasta: o prêmio Otto Wagner para planejamento urbano foi concedido em sua primeira edição, numa decisão de acordo com o espírito do festival, ao projeto para o novo centro ao lado da sede da ONU. A exposição *Espaço Livre em Superblocos*, organizada pelo Instituto de Habitação da Universidade Técnica de Viena, teve como centro a tentativa de proposta de novos usos para espaços que, nos conjuntos habitacionais da “Viena vermelha”, estavam destinados em sua maior parte às atividades coletivas (lavanderias e banheiros coletivos, teatro, etc.) e que hoje não são mais utilizados. Projetos realizados por estudantes prevêm a adaptação destes espaços para diversos usos, como esporte, centro para jovens, cafés, residência estudantil ou jardim de infância, e foram expostos e apresentados nos espaços de projeto (cinco diferentes conjuntos no total), havendo para cada dia de abertura uma visita em grupo a outros conjuntos habitacionais.

A exposição *O Espaço Externo*, realização da seção MA18 da prefeitura da cidade, convidou diferentes artistas para intervirem com instalações em diferentes espaços da cidade, predominantemente praças. Duas obras se destacam: o grande balão ao lado da Universidade de Viena, criando uma espacialização completamente nova para a praça e para



Instalação ao lado da Universidade de Viena

o ponto de bonde no subsolo, com um efeito fortemente lúdico quando, à noite, através de uma iluminação de dentro para fora, passa a ter cor, com variações diárias, e o grupo de anões que, de mãos dadas, olham para o interior de uma pequena cratera no gramado da praça Mexikoplatz, em que ironia, curiosidade e surpresa são muito bem exploradas como sentidos de relação com o espaço.

Na área das novas mídias o festival apresenta mais de um evento: *Urban Exercises/Urbane Übungen* foi uma exposição que aconteceu na Internet apresentando trabalhos que tentam abordar a rede de computadores como instrumento e lugar da discussão da produção artística (palavras-chave: aldeia global, cidade real e urbanismo digital, espaço virtual); *Autopista e Mídias* discute o desenho e funcionamento das autopistas como modelo do pensamento de mobilidade da idade moderna para as redes de dados, buscando revelar exemplos de “jogos de relação” estruturais, semânticos e funcionais entre a autopista e as mídias; já no *Lançamento da Pedra Fundamental da Cidade Digital* discute-se a apresentação das cidades na Internet, tanto do ponto de vista do *marketing* para o turismo como da prestação de serviços à população.

Entre as “antigas” mídias, o cinema e a fotografia têm destaque garantido: *Stadtereisen* (Viagens por cidades) apresentou, em uma semana, cidades (Viena, Tóquio, Paris, Los Angeles, Nápoles e pequenas cidades “sem nome”) através do cinema, enfocando o ponto de vista pessoal dos realizadores e as histórias sobre as cidades em determinados filmes, encerrando com uma noite específica destinada a famosos filmes sobre cidade. Já a instalação móvel *O Cinema por entre a Cidade* consistiu de um navio que, equipado com seis projetores e se deslocando pelo canal do Danúbio, lançou para a cidade à margem do canal imagens da própria cidade, velhas e novas, além de possuir duas telas nas quais se projetaram curtas da mostra *Stadtereisen*.

A área de fotografia, além da exposição *Imagens Urbanas de Viena*, do fotógrafo Johannes Faber, trouxe para



Cartão de divulgação do evento - Stadtbilder Wien

a programação do festival um dos eventos mais divertidos, o concurso “O lugar mais feio de Viena”, promovido pela Sociedade Lomográfica². A foto vencedora do concurso mostra um pedaço do feio boneco que se encontra nas entradas das estações de metrô e que indicam a proibição de fumar - uma escolha acertada. A propósito da lomografia: o que começou com uma brincadeira já tem um sucesso tão grande que Nova Iorque e Moscou, além de Viena, já foram sede de exposições, e a fábrica das máquinas em São Petersburgo, que estava para demitir funcionários e encerrar a produção na área de material fotográfico, hoje quase não consegue atender à demanda, boa parte destinada à Áustria.

A série de apresentações reunidas sob o título de *Phonotaktik* trouxe para Viena *DJ's* dos EUA, Inglaterra, Japão, Finlândia, Holanda, Sérvia, Alemanha, Bélgica e Austrália, além dos integrantes da cena local, para o maior festival de música ambiente já realizado. Com apresentações nas principais *discos* da cidade e em locais alternativos, como passagens subterrâneas no centro da cidade ou obras de futuras estações do metrô, foram mostrados os principais trabalhos de um setor da nova música eletrônica que, no rastro de trabalhos como o de Erik Satie ou Brian Eno, procura trabalhar um conceito de música que, por se aproximar tanto

do de forma do espaço, é também chamado de “Arquitetura de Som”.

O Workshop Kulturpolitik und Restrukturierung der Stadt (Política Cultural e Reestruturação da Cidade) se concentrou, por sua vez, na avaliação da prática comum nos últimos anos, pela qual as estratégias de produção cultural, assim como o aproveitamento do tempo livre por parte da população, passaram a influir decisivamente no processo de reestruturação das grandes cidades.

A exposição *Das andere Haus* (A outra casa) no Museu de Artes Aplicadas (MAK) apresentou uma série de trabalhos não muito conhecidos de nomes da arquitetura austríaca e alemã, como Olbrich, Hoffmann e Mies van der Rohe, nas regiões da Morávia e da Silésia (atualmente na República Tcheca), no período de 1890-1938. Fotos e desenhos originais também estiveram presentes na exposição sobre a obra do arquiteto tcheco Jaromir Krejcar (1895-1949), autor, entre outros projetos, do pavilhão da Tcheco-Eslováquia para a exposição internacional de Paris de 1937, uma extraordinária construção de aço e vidro às margens do Sena, apresentada com belas fotos, planos de diversas fases do desenvolvimento do projeto e maquete. Destaque ainda para o projeto do Sanatório do Seguro de Saúde dos Funcionários (1929-1932),

considerado um dos grandes exemplos do funcionalismo no país e que tem em sua linguagem, como em outros projetos do arquiteto para residências unifamiliares, referências ao *design* dos transatlânticos, aplicadas, aqui, a um edifício de grandes dimensões.

Ainda como destaque a exposição *Österreichs Beste Möbel* (Os melhores móveis da Austrália) que, numa tentativa de revalorizar e sintonizar o *design* e a produção de móveis na Áustria (ao contrário do início do século quando as famosas cadeiras Thonet faziam do país um dos líderes do *design*, hoje jovens *designers* austríacos têm seus objetos produzidos em fábricas italianas), abrigou uma mostra ampla do melhor da nova produção local, tornando-se um dos maiores sucessos de todo o festival.

Contando ainda com uma vasta lista de exposições, organizadas em sua maioria pelos setores da prefeitura e administração dos bairros, eventos e conferências, o festival conseguiu efetivamente aproximar o grande público da discussão sobre arquitetura na cidade, no que foi auxiliado por uma boa inserção na TV e nos jornais, além de realizar uma mais do que importante e frutífera atualização tanto do que foi produzido nos últimos anos como do que está sendo discutido.

Festejado como um grande sucesso na medida em que consolidou uma base para a manutenção do projeto, que

deve acontecer a partir de agora a cada dois anos, é de se esperar para as próximas edições, no entanto, uma maior internacionalização ao lado de uma diversificação das instituições co-realizadoras, incorporando mais decisivamente as universidades, sem se fixar na área do conhecimento arquitetônico (uma ampliação do Congresso de Arquitetura seria algo a se pensar), os escritórios de arquitetura, as cooperativas e as empresas de construção, além de se insistir numa maior participação do público em geral, se se busca realmente renovar o padrão da produção arquitetônica e gestão urbana na cidade.

Notas

¹Esta rampa é o principal motivo de discussão: para alguns, usuários e técnicos, ela teria inclinação muito superior à máxima permitida, tornando a passarela de qualquer forma inutilizável para os deficientes físicos, discussão que se tornou bastante intensa quando da divulgação do resultado do concurso.

²Lomografia é o nome de uma "técnica" criada por três austríacos e que consiste em fazer fotos, rapidamente, sem qualquer preparação, sem se preocupar com o que vai aparecer nas fotos (deixando de usar o visor da máquina, operando-a simplesmente, por exemplo, à altura das mãos), usando uma pequena máquina russa de nome Lomo, que é barata e oferece uma boa qualidade de imagens.